



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LINGUÍSTICA

VALKER LOPES QUIRINO

GÊNEROS ORAIS EM LIVRO DIDÁTICO DE LP E A
APLICABILIDADE DOS GÊNEROS DEBATE E SEMINÁRIO
NA SALA DE AULA

GUARABIRA-PB

2014

VALKER LOPES QUIRINO

**GÊNEROS ORAIS EM LIVRO DIDÁTICO DE LP E A
APLICABILIDADE DOS GÊNEROS DEBATE E SEMINÁRIO
NA SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Língua e Linguística da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Especialista.

Orientador (a): Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins.

GUARABIRA-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

Q8g Quirino, Valker Lopes

Gêneros orais em livro didático de LP e aplicabilidade dos gêneros debate e seminário na sala de aula [manuscrito] : / Valker Lopes Quirino. - 2014.

37 p. : il.

Digitado.

Monografia (Especialização em Língua e Linguística) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Juarez Nogueira Lins, Departamento de LETRAS".

1. Livro didático 2. Gêneros orais 3. Oralidade I. Título.

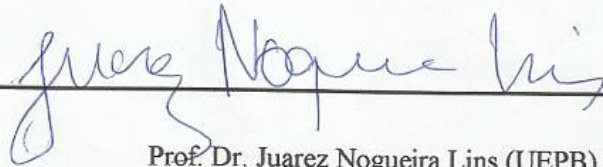
21. ed. CDD 808.5

VALKER LOPES QUIRINO

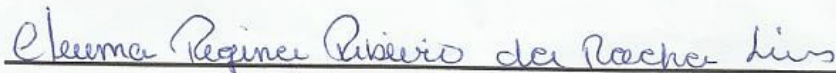
**GÊNEROS ORAIS EM LIVRO DIDÁTICO DE LP E A
APLICABILIDADE DOS GÊNEROS DEBATE E SEMINÁRIO NA SALA
DE AULA**

Aprovado em: 25 de abril de 2014.

BANCA EXAMINADORA

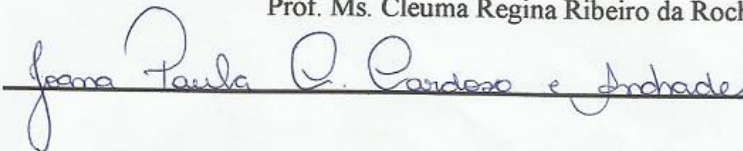


Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (UEPB)
(ORIENTADOR)



(EXAMINADORA)

Prof. Ms. Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins



(EXAMINADORA)

Prof. Ms. Joana Paula Cardoso e Andrade

Deus, dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, pelo dom precioso da vida.

À minha avó Creuza e meu avô Severino Lopes, por ter me dado todas as condições necessárias de estudos.

À minha mãe Elizabeth, minha segunda mãe Tia Elba e minha irmã Vivian por estarem ao meu lado durante toda minha vida, me dando apoio e dedicação.

À Lívia, Tatiane e Ercila (minhas primas-irmãs), que sempre estiveram comigo me iluminando com todo o carinho e amor que um ser humano pode receber, fazendo-me, sentir a pessoa mais amada e capaz do planeta.

À Tia Lucinha por me mostrar o caminho da leitura e escrita embaixo de um pé de figo no sítio do meu avô em Café do Vento.

À Tia Neide e minhas primas Jullianne e Jannainne, por sempre acreditarem no meu potencial.

Aos meus familiares como um todo, pelo estímulo.

Ao meu amigo e Historiador Héric Dayann, pelo apoio e atenção constante.

As minhas amigas Wiliane e Silvânia, por suas amizades que considero um presente de Deus e também por sempre me estimularem na minha caminhada.

Ao professor Juarez, meu orientador, por ter me aceito como orientando, mesmo eu sendo de última hora e também pela paciência que teve comigo.

À minha querida e especial secretária Euda Saraiva, por tudo que me fez em todas as etapas aqui nesse estabelecimento de ensino (palavras não expressam os meus sentimentos).

A Rosângela Neres, uma Professora muito especial, por me motivar sempre, mesmo em tão pouco tempo.

À UEPB, aos funcionários e aos professores de maneira mais destacada, pois nessa instituição que hoje chamo de casa, aprendi muito mais do que as teorias do curso de Pós-Graduação pode oferecer.

Aos (a) bibliotecários (a), pela cumplicidade e parceria nos prazos dos livros para o término dessa pesquisa.

A Iara Martins, coordenadora do curso, por me compreender e ter acreditado em mim sempre. E, finalmente, quero deixar aqui o meu agradecimento a todos que de uma forma direta ou indireta, colaboraram para a realização desta pesquisa.

Um agradecimento mais do que especial ao meu grande amigo João Paulo de Andrade, amigo esse que me fez ver no mundo das Letras uma possibilidade enorme de me apaixonar, e hoje, me sinto dependente dessa área maravilhosa e que venho subindo a cada dia um degrau, pois ontem, foi a graduação e hoje já estou chegando ao fim de uma Pós-Graduação em Língua e Linguística.

E por fim, um agradecimento enorme à Katiúscia (Amiga que sempre quero ao meu lado), Karla com K, Carla com C, Daniele, Jefferson, Ezequiel, Liliane, Raquel Lima, por terem feito parte dos momentos mais felizes da minha vida, momentos esses realizados nessa turma maravilhosa.

A bem da verdade, deve-se registrar que nos últimos anos vem-se notando um progressivo aumento das sugestões de estudos sobre a fala. Os anos 90 marcam uma guinada extraordinária nesse sentido e certamente nos próximos anos teremos cada vez mais observações sobre a questão. Isso permite esperar que os autores de obras didáticas já não se mostrem mais insensíveis ao que sugerem os teóricos da linguística. Creio que os PCN, malgrado suas posições restritivas e sem uma concepção de língua mais nítida, servirão para dar aos estudos da oralidade um lugar mais adequado e mais explicitude sobre o tema.

(MARCUSCHI, 1997)

RESUMO

Muitos livros didáticos, ainda hoje, apresentam um trabalho precário em relação à oralidade. Eles, geralmente priorizam atividades de leitura e oralização em detrimento de práticas orais que levem em consideração as diferentes práticas sociais que ocorrem por meio dessa modalidade, dentro e fora do ambiente de sala de aula, mas há alguns avanços nessa área. Partindo dessa hipótese essa monografia tem por objetivos analisar duas propostas de gêneros orais no livro didático *Português Linguagens*, e a aplicação dessas duas propostas na sala de aula – na Escola E.E.E.M. Severina Ramos de Oliveira, em Sobrado/PB. Esta pesquisa ação encontrou respaldo nas discussões de Bezerra (2001), Dolz & Schneuwly (2004), PCN (1998), Marcuschi (2005, 2008), Antunes (2003), além da influência de Bakhtin (2003), entre outros. Concluiu-se que as propostas apresentadas no livro didático de língua portuguesa *Português Linguagens* de Cereja (2010) se encaminham na direção dos estudos atuais voltados para a oralidade. O livro apresenta propostas que ajudam o professor a discutir a importância da oralidade e a produzir textos que favoreçam a interação dentro e fora da sala de aula.

Palavras-chave: Oralidade. Livro didático de LP. Gêneros orais. Análise.

ABSTRACT

Many textbooks today still exhibit a poor job in relation to orality . They usually prioritize reading and oralization activities to the detriment of oral practices that take into account the different social practices that occur through this mode within and outside of the classroom environment , but there are some advances in this area . Based on this hypothesis this thesis aims to analyze two proposed oral genres in textbook Portuguese languages , and application of these two proposals in the classroom - School eem Severina Olive Branches in Two stories / PB . This action research found support in discussions Bezerra (2001) , Dolz & Schneuwly (2004) , NCP (1998) , Marcuschi (2005, 2008) , Antunes (2003) , beyond the influence of Bakhtin (2003) , among others . It was concluded that the proposals presented in textbook Portuguese Portuguese languages of Cereja (2010) are heading in the direction of current studies on orality . The book presents proposals that help the teacher to discuss the importance of orality and produce texts that foster interaction within and outside the classroom.

Keywords : Orality . Textbook LP . Oral genres . Analysis.

LISTA DE SIGLAS

LD. LIVRO DIDÁTICO

LP. LÍNGUA PORTUGUESA

PCN. PARAMENTRO CURRICULARES NACIONAL

PB. PARAÍBA

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. ORALIDADE E ESCRITA, ALGUMAS REFLEXÕES.....	11
3. O LIVRO DIDÁTICO DE LP: A QUESTÃO DA ORALIDADE.....	19
4. O ANÁLISE DOS GÊNEROS “SEMINÁRIO E DEBATE” NO LIVRO DIDÁTICO DE LP ADOTADO NA EEEFM SEVERINA RAMOS DE OLIVEIRA E APLICAÇÃO DESSES GÊNEROS NA SALA DE AULA.....	21
4.1 Caracterização da EEEFM Severina Ramos de Oliveira, Sobrado – PB.....	21
4.2 O livro didático adotado na escola e o trabalho com os gêneros orais “Seminário e Debate” algumas reflexões.....	22
4.3 Proposta de produção dos Gêneros “Debate e Seminário” na EEEFM Severina Ramos de Oliveira, Sobrado – PB.....	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	35
ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

[...] oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso [...] Marcuschi (2008)

Dentre os diversos problemas relacionados o ensino-aprendizagem de língua portuguesa, a oralidade encontra um espaço importante. A oralidade já passou da fase da dicotomia oral x escrito e hoje é vista como uma atividade complementar a atividade escrita. No entanto, a prática da oralidade na escola, apesar das recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais ainda não se efetivou plenamente na aula de língua portuguesa: um dos entraves e o uso do livro didático, importante instrumento didático a disposição dos professores, quando não o único.

Muitos livros didáticos, ainda hoje, apresentam um trabalho precário em relação à oralidade. Eles, geralmente priorizam atividades de leitura e oralização em detrimento de práticas orais que levem em consideração as diferentes práticas sociais que ocorrem por meio dessa modalidade, dentro e fora do ambiente de sala de aula, mas há alguns avanços nessa área. Alguns autores de LD de Língua Portuguesa tentam se inserir na discussão dos gêneros textuais e reavaliam seus textos, adequando-se às novas demandas didáticas. Partindo dessa hipótese essa monografia tem por objetivos analisar duas propostas de gêneros orais (o debate e o seminário) no livro didático *Português Linguagens*, e a aplicação dessas duas propostas na sala de aula – na Escola E.E.E.M. Severina Ramos de Oliveira, em Sobrado/PB, em uma turma do 2º ano do Ensino Médio. Realizada em duas etapas: leitura e análise das propostas do livro e aplicação destas propostas nas aulas de língua portuguesa, esta pesquisa ação encontrou respaldo em discussões atuais: as lições de Bezerra (2001), (1999), Dolz & Schneuwly (2004), Marcuschi (2005, 2008), Antunes (2003), as orientações dos PCN (1998), além da influência dos estudos de Bakhtin (2003), entre outros.

A monografia esta dividida em 05 (cinco) tópicos, iniciando com a introdução e, seguindo-se do capítulo 02 que apresenta algumas reflexões sobre a relação entre oralidade e escrita. Segue o capítulo 03 que aborda a questão da oralidade na escola, mais precisamente na aula de língua portuguesa. O capítulo 04, traz à análise de dois gêneros – debate e seminário – no livro didático *Português Linguagens de Cereja (2010)*, adotado pelas escolas públicas e a aplicação destes dois gêneros orais em aulas de língua portuguesa. Finalmente, o quinto tópico e as considerações finais, finalizando assim o texto com algumas observações e sugestões para outros estudos.

2. ORALIDADE E ESCRITA, ALGUMAS REFLEXÕES

É perceptível cada vez mais que o ensino do oral, hoje, tem sido foco de muitas discussões, sobretudo a partir da compreensão da linguagem como processo de interação verbal pelo qual as pessoas se comunicam umas com as outras (cf. BAKHTIN, 2003). De fato, somos seres eminentemente orais (cf. MARCUSCHI, 2008), principalmente no que diz respeito ao uso dos mesmos no ambiente escolar, pois, o que se observa de forma clara e notória é que, em muitas escolas, alguns professores não fazem uso correto desse ensino, se preocupando sempre com o ensino de nomenclaturas, privilegiando só a parte escrita da língua e, ainda por cima, só trabalhando as definições das classes gramaticais como fica bem clara quando FÁVERO (2009) cita CASTILHO (1998: 13) dizendo que: “Ora, se essa disciplina se concentrasse mais na reflexão sobre a língua que falamos, deixando de lado a reprodução de esquemas classificatórios, logo se descobriria a importância da língua falada, mesmo para aquisição da língua escrita”. No entanto, é incontestável que a escrita é mais valorizada socialmente do que a fala e que, historicamente, são vistas como dicotômicas.

A fala e a escrita, tomadas como dicotômicas, trazem uma série de equívocos que acabam sendo refletidos em muitas das instituições sociais das quais fazemos parte, principalmente, na escola. Dessa forma, muitos professores adotam uma postura oposta ao que é orientado pelos PCN's (1997, 1998) que incentivam o ensino do oral nas diversas situações comunicativas. Conforme observado por Dolz et al. (2004), o ensino da língua oral e de seu uso, na escola, ocupa um lugar limitado. Segundo os autores, os meios didáticos e as indicações metodológicas são relativamente raros e a formação dos professores apresenta importantes lacunas. O desconhecimento da forma adequada do uso da linguagem oral em diferentes ambientes poderá dificultar o bom desenvolvimento do desempenho dos alunos fora do espaço escolar. Diante disso, é preciso repensar as práticas, tendo em vista que não podemos separar de forma tão drástica o oral do escrito.

Um dos gêneros orais mais utilizados na escola, desde a educação básica, como um dos principais instrumentos de avaliação dos alunos é o seminário, pois, trabalhando esse gênero, acham que estão trabalhando de fato a oralidade e muitas vezes nem acompanham ou analisam as propostas que os Livros Didáticos de Língua Portuguesa trazem. O mesmo, também é conhecido como exposição oral. Para Lakatos (1992, p. 29), o seminário é uma técnica de estudo que inclui pesquisa, discussão e debate e não se limita apenas à elaboração do resumo de um texto (a parte escrita) e a sua apresentação oral, quase sempre improvisada e monótona, diante de uma classe desatenta ao conteúdo exposto. Porém, é comum que os

alunos, em uma situação de seminário, irem para frente da turma, fiquem parados diante dos colegas, sem saberem como falar, como gesticular, como se posicionar, como olhar para as pessoas etc. Também, demonstram dificuldades para organizar a apresentação e, por isso, o conteúdo e a discussão que trazem a partir do que pesquisaram sempre fica a desejar, salvo aqueles raros alunos que têm desenvoltura própria diante da palavra pública. Diante disto, cabe a nós reconhecer que:

(...) o procedimento de expor oralmente em público não costuma ser ensinado. Possivelmente por se imaginar que a boa exposição oral decorra de outros procedimentos já dominados (como falar e estudar). No entanto, o texto expositivo — tanto oral como escrito — é um dos que maiores dificuldades apresenta, tanto ao produtor como ao destinatário. Assim, é importante que as situações de exposição oral freqüentem os projetos de estudo e sejam ensinadas desde as séries iniciais, intensificando-se posteriormente. (PCN, 1997, p. 39)

Assim como acontece com os gêneros escritos, ao introduzir um gênero oral na escola, o professor deve desenvolver atividades sistemáticas que garantam o domínio do gênero por parte do aluno, de modo que este seja capaz de conhecê-lo, de compreendê-lo e de produzi-lo dentro e fora do âmbito escolar. Esta é a condição para promovê-lo de simples objeto de aprendizagem ao estatuto de objeto de ensino que é reconhecido pela instituição escolar, assim como são, por exemplo, a produção escrita, a gramática ou a literatura (cf. DOLZ et al., 2004). Todavia, conforme observado por Mendes (2005), os alunos dominam somente uma ou algumas poucas variedades e alguns gêneros cotidianos, mas nunca todas as variedades da língua (e raramente a variedade dominante) nem tampouco dominam os gêneros da fala em público. Dessa forma, os gêneros orais das situações públicas precisam ser exercitados em suas regularidades, pois, cada um deles apresenta traços próprios, bem diferentes dos gêneros que são produzidos informalmente (cf. ANTUNES, 2003).

Em relação a alguns dos gêneros orais, como vimos, se caracterizam pela transmissão de um determinado conteúdo, o que pressupõe a mobilização de outras habilidades, como a leitura do assunto que será apresentado, a triagem das informações mais relevantes e a preparação de um roteiro escrito que servirá de base para a apresentação. Feito isso, o aluno deveria assumir o papel de “especialista”, cujo objetivo é diminuir a assimetria de conhecimentos que o separa do seu público. A apresentação, por sua vez, deve ser dividida em partes e subpartes de modo que fique claro para os interlocutores a sequência em que as informações serão passadas. Também, exige a utilização de certas estratégias textuais e discursivas e a utilização dos meios não linguísticos, como os elementos prosódicos,

paralinguísticos e cinésicos. (cf. DOLZ et al., 2004). Portanto, é indiscutível que o seminário não pode ser visto apenas como “um tema que serviu de mote para uma apresentação oral e discussão de conteúdos”. Estamos falando “do processo de apropriação de um gênero secundário, vinculado às instâncias públicas de produção de linguagem” (GOULART, 2008, p. 80) e de “um objeto de ensino substancial e complexo, que solicita um número impressionante de conhecimentos práticos” (DOLZ et al., 2004, p. 227). Deve ser trabalhado várias vezes durante a escolaridade, em seus diversos aspectos. Quanto a isso, Goulart (2008, p. 81) conclui que:

Se for uma atividade desenvolvida de forma sistemática, acompanhada de intervenções didáticas [...] o seminário pode deixar de ser uma atividade por meio da qual se avalia apenas o conteúdo apreendido pelo aluno para tornar-se uma atividade que pode possibilitar a apropriação de uma competência comunicativa específica.

Desse modo, o que deve ser levado em consideração a respeito do ensino de qualquer gênero, oral ou escrito, é a necessidade de construção de um modelo didático do gênero. Para se construir um modelo didático, algumas questões devem ser contempladas, como o levantamento das características do gênero, além da seleção dos objetivos a serem alcançados com o seu ensino. Em seguida, faz-se necessário organizar as intervenções escolares a partir de sequências didáticas que, para Dolz et al. (2004), auxiliarão o aluno no domínio do gênero, propiciando a ele uma escrita ou uma fala mais adequada em uma determinada situação comunicacional. No final de todas essas intervenções, os alunos deverão demonstrar que se apropriaram do conteúdo temático estudado e que sabem moldar sua fala às formas composicionais e estilísticas adequadas a esse tipo de situação comunicativa e ao gênero demandado pela instituição escolar (cf. GOULART, 2008).

Concordamos, portanto, que se os gêneros orais forem desenvolvidos de forma sistemática, acompanhada das necessárias intervenções que favoreçam à apropriação do gênero, pode deixar de ser uma atividade por meio da qual se avalia apenas o conteúdo apreendido pelo aluno para tornar-se uma atividade que pode possibilitar a apropriação de uma competência comunicativa específica.

Observando a oralidade (fala) e a escrita, podemos perceber nitidamente essa relação entre ambas, no esquema de FÁVERO (2009), no quadro a seguir:

FALA	ESCRITA
- Interação face a face	- Interação à distância (espaço –temporal)
- Planejamento simultâneo ou quase simultâneo à produção	- Planejamento anterior à produção
- Criação coletiva: administrada passo a passo	- Criação individual
- Impossibilidade de apagamento	- Possibilidade de revisão
- Sem condições de consulta a outros textos	- Livre consulta
- A reformulação pode ser promovida tanto pelo falante como pelo interlocutor	- A reformulação é promovida apenas pelo escritor
- Acesso imediato às reações do interlocutor	- Sem possibilidade de acesso imediato
- O falante pode processar o texto, redirecionando-o a partir das reações do interlocutor	- O escritor pode processar o texto a partir das possíveis reações do leitor
- O texto mostra todo o seu processo de criação	- O texto tende a esconder o seu processo de criação, mostrando apenas o resultado

QUADRO 01 – FÁVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna.** Pg. 74.

O QUADRO 01, apresenta algumas particularidades da relação entre oralidade e a escrita, o que nos leva a entender que não há uma relação de superioridade de uma em relação à outra, mas uma relação de complementaridade, de adequação aos usos que fazemos da linguagem em cada situação. Dependendo da situação, os gêneros escritos devem atuar, em outros momentos, os gêneros orais são mais indicados. Portanto, é necessário que se tenha essa preocupação de investigar e fazer reflexões sobre os gêneros escritos e os orais, uma vez que muitos profissionais não sabem fazer essa relação entre os mesmos, pois, papel da escola, aqui falando do professor de língua portuguesa com o apoio do LD (livro didático) e, fazendo uma reflexão da oralidade e escrita no âmbito escolar, chega-se a uma ideia de que esse papel é ensinar os alunos a dominar a variedade padrão e não a descrevê-la. Um ensino produtivo da língua materna possibilitará que os alunos sejam expostos ao maior número possível de experiências linguísticas na variedade padrão, ajudando-os a perceber que o padrão é um dos muitos usos possíveis da língua.

Refletindo sobre o qual é o objetivo do ensino de língua, Bagno (2002) propõe que a escola leve o aluno a adquirir um grau de letramento. Segundo Soares (1999, p.03), letramento é o:

Estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral.

Ou seja, a escola, e aqui nos apropriamos das palavras de Bagno (2002), deve desenvolver nos alunos um conjunto de habilidades e comportamentos de leitura e escrita que lhes permitam fazer o maior uso possível das capacidades técnicas de ler e escrever. Possenti (2001, p. 43,44) conclui:

As aulas de língua portuguesa não poderiam se reduzir a “aulas de gramática”. No lugar da velha decoreba de nomenclatura e de aplicação mecânica dos exercícios classificatórios, “leitura de material variado (jornal, revista, literatura – especialmente literatura) em alta escala, e na própria escola”; “escrita constante, várias vezes por dia, todos os dias: narrativas, cartas etc. Muita leitura e muita escrita, simplesmente porque é assim que se aprende” (grifo nosso).

Aqui intercalaremos as reflexões dos referidos autores com instruções dadas pelos PCN’s. Como vimos, as aulas de língua portuguesa devem priorizar, também, atividades de leitura e escrita, pois só assim que o aluno irá adquirir o grau de letramento necessário para o exercício de sua cidadania. Dessa forma, os PCN’s (1998, p. 21) instruem:

(...) um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. Essa responsabilidade é tanto maior quanto menor for o grau de letramento das comunidades em que vivem os alunos. Considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe à escola promover a sua ampliação de forma que, progressivamente, durante os oito anos do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações (grifo nosso).

É claramente notável o quanto a escola e, principalmente, as aulas de Língua Portuguesa são falhas quanto à sua função social. Em primeiro lugar, a escola, que deveria “considerar os diferentes níveis de conhecimento prévio” dos seus alunos, é uma das principais agências disseminadoras do preconceito linguístico. Quando escola impõe variante padrão aos seus alunos como sendo a única forma correta de falar e escrever, esta não leva em consideração as diversidades linguísticas presentes no contexto sócio-educacional deles. Com

respeito a isso, Bortoni-Ricardo (2005) diz que a escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante, ou seja, a cultura letrada. Tudo que se afasta desse código é visto como defeituoso e deve ser eliminado. A autora ainda orienta que a escola não deveria ignorar as diferenças sociolinguísticas dos seus educandos, pelo contrário, os alunos deveriam estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa e, essa consciência, deveria ser despertada através dos professores de Língua Portuguesa.

Em segundo lugar, a escola e, especificamente, os professores de Língua Portuguesa, deviam possibilitar o acesso dos alunos aos vários textos que circulam socialmente, como também, deviam ensiná-los a produzir tais textos. Os PCN's são bem específicos quando ordenam que o grau de letramento dos educandos seja ampliado durante o ensino fundamental, mas a realidade é que eles chegam ao ensino médio sem a menor noção dos muitos textos escritos e orais que existem e que eles lidam diariamente. Isto se torna mais difícil quando a biblioteca escolar vive fechada ou quando os professores acreditam que produzir texto é assinar a estrutura de texto descritivos, narrativos e dissertativos visando apenas à redação no vestibular, em suma, a velha prática da redação escolar. Esta, nas palavras de Bagno (2002, p.56):

empobrece drasticamente os objetivos da língua na escola, pois despreza todos os diversos elementos que contribuem para as condições de produção do texto escrito: quem escreve, o que escreve, para quem escreve, para que escreve, quando e onde escreve, isto é, em que situação cultural, social, temporal e espacial (grifo do autor).

Geraldi (2006, p.64) também comenta a respeito desta tradicional prática:

O exercício de redação, na escola, tem sido um martírio não só para os alunos, mas também para os professores. Os temas propostos tem se repetido de ano para ano, e o aluno que for suficientemente vivo perceberá isso. Se quiser, poderá guardar redações feitas na quinta série para novamente entregá-las ao professor da sexta série, na época oportuna: no início do ano, o título infalível “Minhas férias”; em maio, “O dia das mães; em junho, “São João”; em setembro, “Minha Pátria”; e assim por diante... Tais temas, além de insípido, são repetidos todos os anos.

O que, então, pode ser feito para que os educandos tenham acesso ao universo dos textos que circulas socialmente, para que sejam capazes de produzi-los, interpretá-los e, dessa forma, adquiram o tão esperado grau de letramento? Bagno (2002) responde que quando o assunto é letramento, é fundamental abordar o conceito de gêneros textuais.

Marcuschi (2007, p.22,23), define os gêneros textuais como:

(...) uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica (grifo do autor).

E os PCN's (1998, p.23) concluem:

Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero. Os vários gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Pode-se ainda afirmar que a noção de gêneros refere-se a "famílias" de textos que compartilham algumas características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado (grifo nosso)

A partir dessas análises, torna-se evidente o quão ultrapassado está o ensino da língua materna em nossas escolas. São poucos os professores que possibilitam o acesso dos seus alunos a esses gêneros e, quando fazem, limitam-se à abordar somente os gêneros escritos literários de maior prestígio, como por exemplo, o conto, o romance, às vezes a crônica e, raramente, a poesia. No entanto, existe um número ilimitado de gêneros. Cada um, segundo Marcuschi (2007), possui suas próprias especificidades quanto ao canal, estilo, conteúdo, composição e função. São essas especificidades que darão forma aos textos e os classificarão como pertencendo a determinado gênero. É como os PCN's (1998, p.23) destacam:

Os gêneros são determinados historicamente. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos. É por isso que, quando um texto começa com "era uma vez", ninguém duvida de que está diante de um conto, porque todos conhecem tal gênero. Diante da expressão "senhoras e senhores", a expectativa é ouvir um pronunciamento público ou uma apresentação de espetáculo, pois sabe-se que nesses gêneros o texto, inequivocamente, tem essa fórmula inicial. Do mesmo modo, pode-se reconhecer outros gêneros como cartas, reportagens, anúncios, poemas, etc.

É relevante destacar a necessidade de se trabalhar, também, com os gêneros orais. Sabemos que não é papel da escola ensinar os alunos a falar, por isso é algo que o falante aprende muito antes da idade escolar. Porém,

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: planejamento e realização de entrevistas, dramatizações, etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois seria descabido "treinar" o uso mais formal da fala. A aprendizagem de procedimentos eficazes tanto de fala como de escola, em contextos mais formais, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la (PCN's, 1998, p.27).

O ideal é que essa aprendizagem ocorra sem o “milênar preconceito contra a língua falada, tradicionalmente considerada caótica e sem gramática” (BAGNO, 2002, p.55).

Para o aprendizado da língua, tanto da modalidade oral, quanto da escrita, não faz sentido pensar em fases: primeiro tal estrutura, depois outra, da mais simples a mais complexa. Aprende-se tudo mais ou menos ao mesmo tempo. Assim, a escola deveria acreditar que a saída é ler muito, aumentar o repertório do aluno, suas possibilidades de contato com mundos linguísticos que ele ainda não conhece através dos livros.

Atualmente para o ensino da Língua Portuguesa, propõe-se a interdisciplinaridade, para que o aluno considere a língua em uma perspectiva mais ampla, e a reação da disciplina aos temas transversais (saúde, trabalho, etc.). Isto se dará justamente através de textos, pois, segundo os PCN's é a pluralidade de textos, orais e escritos, literários ou não, que fará o aluno perceber como se estrutura sua língua. O objetivo principal seria desenvolver no aluno:

O domínio das expressões orais e escritas em situações de uso público da linguagem, levando em conta a situação de produção social e material do texto (lugar social do locutor em relação ao(s) destinatário(s) e seu lugar social; finalidade ou intenção do autor; tempo ou lugar material da produção e do suporte e selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a produção do texto, operando sobre as dimensões pragmáticas, semântica e gramatical (1998, p.49).

3. O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA E A QUESTÃO DA ORALIDADE

Sabemos que o livro didático é um dos principais mediadores no ensino promovido pelas nossas escolas e, sem ele, o trabalho do professor, sem dúvida, torna-se mais difícil. Portanto, a nossa reflexão não partirá da forma como o livro didático é trabalhado nas escolas. Enfatizaremos o tratamento que o livro didático de Língua Portuguesa vem recebendo de um modo geral em nossas escolas, no uso das orientações dos gêneros orais.

O livro didático de Língua Portuguesa é definido por Bezerra (2001, p.33) como “um livro composto por unidades (lições ou módulos) com conteúdos e atividades preparadas para serem seguidos por professores e alunos, principalmente na sala de aula”. Geralmente esses livros possuem hoje: textos, vocabulário, interpretação, gramática, redação e ilustração. Surgiu no fim dos anos 60, consolidando-se na década de 70, época que marca o início da expansão editorial desse tipo de livro (BEZERRA, 2001).

Ainda de acordo com a autora, o principal objetivo do livro didático de Português é contribuir para o ensino da língua materna, mas como podemos perceber, a forma e a própria concepção desse ensino vem mudando nos últimos anos, de modo que, podem variar de um livro para outro. Bezerra (2007, p. 42,43) comenta:

Com a ampliação das pesquisas sobre a língua, ensino/aprendizagem e letramento e com a intervenção do Estado, através de programas específicos de avaliação do MEC, a partir da última década do século XX, os livros didáticos são pressionados a imprimirem mudanças em seus conteúdos, metodologias e concepções teóricas. Alguns apresentam mudanças apenas no nível superficial, permanecendo com as mesmas concepções teóricas, outros imprimem alterações teórico/práticas. Embora a gramática da palavra/frase continue tendo grande relevância, o texto está cada vez mais presente nesses livros (...) variando tanto em gênero como em autores.

Os livros didáticos em parte contemplam as mudanças relativas ao ensino de LP, ocorridas nas últimas décadas. Se há ainda alguns equívocos, pelo menos no que diz respeito à diversidade de textos, os livros didáticos atendem a essa necessidade. Bezerra (2007) cita como exemplo dessa renovação metodológica a presença de textos que circulam na mídia nos manuais didáticos, como notícias, reportagens, entrevistas e propagandas. A autora ainda fala que, se tratando de manuais de Língua Portuguesa destinados a alunos de Ensino Fundamental e Médio, é possível “observar uma tendência, desde o final do século XX, de introduzirem tiras, histórias em quadrinhos e propagandas, retiradas de jornais e revistas, para leitura e estudos gramaticais” (2007, p.45). No entanto, toda essa “renovação metodológica” será inútil

se os professores continuarem usando o texto como pretexto para o ensino das regras gramaticais ou quando a leitura literária se restringe ao livro didático.

Não queremos dizer com isso, e aqui fazemos uso das palavras de Martins, que o livro didático deve ser abolido pelo professor no trabalho com a leitura literária, mas, que deve ser explorado os gêneros orais presentes neles, assim como os escritos, até por que

muitas contribuições da teoria e crítica literária podem ser visualizadas em diversos livros didáticos que propõem enfoques intertextuais, interdisciplinares e intersemióticos, enfatizados a diversidade de gêneros, textos e linguagem na organização didática dos conteúdos (MARTINS, 2006, p.92).

Não se trata de ler e explorar apenas um único sentido, mas relacioná-los com outros textos/gêneros/disciplinas. O que se quer destacar é que as atividades com a literatura não deve se resumir apenas a leitura dos muitos textos fragmentados encontrados nos livros, mas suas múltiplas relações e integralidade. Muitos alunos leem fragmentos e desconhecem as obras originais.

Diante da superabundância de textos fragmentados apresentados por diversos manuais didáticos, o aluno pode perder-se, sem saber que caminhos trilhar, quais textos ler. Assim, o ato de ler transforma-se, para o aluno, no consumo rápido de textos, cuja decodificação se torna superficial (MARTINS, p. 93).

Se o aluno consegue apenas decodificar o está escrito, sem entender “as relações intertextuais”, sem saber reconstruir “o não-dito”, sem fazer “interferências”, sem saber compreender “as marcas da oralidade”, ali presentes, dificilmente gostará das aulas de literatura e de ler textos literários. A literatura se tornará em algo “complexo, difícil de ser compreendido”. O êxito no trabalho com a literatura “depende da formação do professor e de sua habilidade de transformar o livro didático em aliado na motivação dos alunos em sala de aula e não em apenas um único recurso que, utilizado durante todo o ano letivo, pode tornar as aulas cansativas”. É necessário diversificar as atividades e os recursos didáticos utilizados, para chamar a atenção do aluno para o estudo da literatura. (MARTINS, p. 93). A produção equilibrada de textos escritos e orais pode facilitar o trabalho do professor de língua portuguesa. E isso pode começar já, através da produção dos gêneros Debate e Seminário, principalmente por esses gêneros serem encontrados com mais frequência em livros didáticos.

4. ANÁLISE DOS GÊNEROS “SEMINÁRIO E DEBATE” NO LIVRO DIDÁTICO DE LP ADOTADO NA EEEFM SEVERINA RAMOS DE OLIVEIRA E APLICAÇÃO DESSES GÊNEROS NA SALA DE AULA

4.1 Caracterização da EEEFM Severina Ramos de Oliveira, Sobrado – PB

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severina Ramos de Oliveira, situada na cidade de Sobrado- PB e, é a única escola estadual do município, assim como também a única com a modalidade de Ensino Médio. O estabelecimento supracitado oferece a todo município o Ensino Médio regular e na modalidade EJA, sendo que nos turnos manhã e tarde é o ensino regular e, à noite o ensino de jovens e adultos (EJA), atendendo assim um número total de 256 alunos, conforme a FIGURA 01 a seguir: alguns dados sobre a escola.

Resultado							
Escola: 25122401-EEEFM SEVERINA RAMOS DE OLIVEIRA							
Estado: PARAÍBA - PB							
Município: SOBRADO							
Localização: URBANA							
Dependência Administrativa: ESTADUAL							
Ordem	Código da turma	Nome da turma	Horário de Funcionamento	Tipo de atendimento	Modalidade	Etapa	Número de Alunos
1	840174	1ª SERIE A	07:00 - 11:45	Não se aplica	Ensino Regular	Ensino Médio - 1ª Série	29
2	845646	1ª SERIE B	07:00 - 11:45	Não se aplica	Ensino Regular	Ensino Médio - 1ª Série	27
3	839972	1ª SERIE D	13:00 - 17:45	Não se aplica	Ensino Regular	Ensino Médio - 1ª Série	21
4	840474	1ª SERIE C	13:00 - 17:45	Não se aplica	Ensino Regular	Ensino Médio - 1ª Série	21
5	840705	2ª SERIE A	07:00 - 11:45	Não se aplica	Ensino Regular	Ensino Médio - 2ª Série	27
6	840466	2ª SERIE B	13:00 - 17:45	Não se aplica	Ensino Regular	Ensino Médio - 2ª Série	24
7	840561	2ª SERIE C	13:00 - 17:45	Não se aplica	Ensino Regular	Ensino Médio - 2ª Série	17
8	842873	3ª SERIE A	07:00 - 11:45	Não se aplica	Ensino Regular	Ensino Médio - 3ª Série	22
9	839983	1º ANO EJA	19:00 - 22:30	Não se aplica	Educação de Jovens e Adultos	EJA Presencial - Ensino Médio	27
10	840931	2º ANO EJA	19:00 - 22:30	Não se aplica	Educação de Jovens e Adultos	EJA Presencial - Ensino Médio	30
11	843346	3º ANO EJA	19:00 - 22:30	Não se aplica	Educação de Jovens e Adultos	EJA Presencial - Ensino Médio	32

FIGURA 01 - Fonte: <http://educacenso.inep.gov.br/relatorio/escola/numalunosturmas>. Ano: 2013

Esta escola abarca está circunscrita a um espaço pequeno, com 04 (quatro) salas de aula com ar condicionado, onde maioria não funciona bem, pois existe uma grande reclamação de calor por parte dos alunos, um laboratório de informática que serve de sala dos professores, sala de vídeo e de biblioteca, uma cantina, uma direção, 03 banheiros (sendo 01 banheiro para uso dos professores e funcionários em geral). A escola é bem organizada quanto ao trabalho administrativo.

Os recursos didáticos que a escola oferece não são muitos: quadro branco, vídeo, som portátil, um data show que é um grande problema, pois existe uma procura enorme por parte dos docentes.

Libâneo (2008) fala da importância desses recursos didáticos e denomina como meios de ensino, que se refere, justamente, a todos os recursos materiais utilizados pelo professor e pelos alunos para a organização e condução metódica do processo de ensino e aprendizagem. Todavia, de nada será útil se os professores, porventura, não dominarem, com segurança, esses meios auxiliares de ensino, conhecendo-os e aprendendo a utilizá-los.

Os alunos não freqüentam a biblioteca, pois a mesma não existe e os livros ficam depositados sala de informática que não possui computadores em condições de uso e é utilizada mais pelos professores e menos pelos alunos. Esse espaço não se aproxima daquilo que se requer de uma biblioteca. Em relação ao espaço físico da biblioteca, os parâmetros (1998), são bem claros ao afirmar que:

A organização do espaço físico – iluminação, estantes e disposição dos livros, agrupamentos dos livros no espaço disponível, mobiliário, etc. – deve garantir que todos os alunos tenham acesso ao material disponível. Mais do que isso: deve possibilitar o gosto por freqüentar aquele espaço e, dessa forma, o gosto pela leitura. (PCN’S, 1998, P.61).

Como se percebe aquilo que seria o ideal, um espaço propício à atividade de leitura para a ampliação da capacidade de ler/produzir outros gêneros, se distancia da realidade proporcionada pela escola.

Do ponto de vista dos recursos humanos, a escola conta com uma equipe pedagógica por um diretor e uma vice-diretora e três auxiliares administrativo. A escola ainda dispõe de um corpo docente formado por 15 professores, sendo que três são de Língua Portuguesa. A seguir abordaremos o livro didático, os gêneros debate e seminário e uma proposta de aulas sobre esses gêneros

4.2 O livro didático adotado na escola e o trabalho com os gêneros orais “Seminário e Debate” algumas reflexões

Na EEEFM Severina Ramos de Oliveira, Sobrado – PB, o livro adotado foi o PORTUGUÊS LINGUAGENS de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2010), mas, nem todos os professores utilizam o livro didático escolhido, pois preferem

outras práticas, por exemplo, trazer outros textos para sala de aula ou, não utilizar textos e, privilegiar a exposição gramatical. Toda coleção do ensino médio – os três volumes – aborda a ORALIDADE, trazendo em suas orientações questões que realmente envolvem os vários eixos da Língua Portuguesa, como recomendado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998).

O volume 01 da coleção traz orientações de como trabalhar de forma correta vários gêneros orais, inclusive o seminário e o debate e, tendo em vista que maioria dos alunos não tem o conhecimento de tais gêneros, foi trabalhado no capítulo 08 da 3ª Unidade e também o capítulo 02 da 4ª Unidade, na turma do 2º Ano A – manhã, pois, os mesmos passaram pelo volume 01 sem trabalhar, uma vez que a professora não abordou os gêneros textuais orais. Nos tópicos a seguir se expõem as etapas que os alunos devem seguir para apresentar o seminário: desde a preparação até a apresentação.

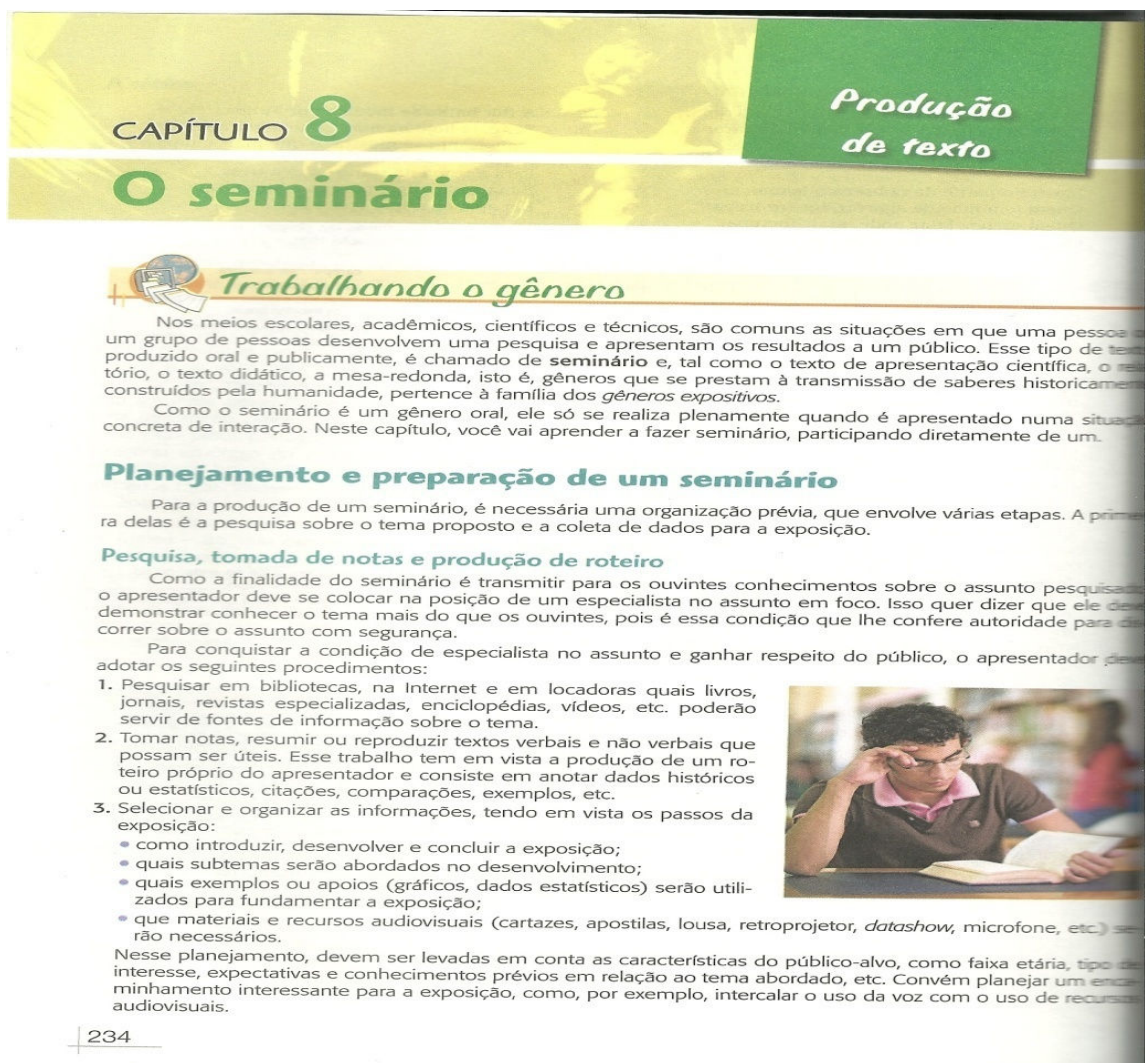


FIGURA 02 – CEREJA, Willian Roberto. Português linguagens: Vol. 01. Pg.234.

- Redigir um roteiro que permita visualizar não apenas o conjunto das informações que serão apresentadas, mas também a sequência em que isso vai ocorrer. Esse roteiro deve conter algumas informações-chave que orientem o pensamento do apresentador durante a exposição, indicações de recursos audiovisuais, se for o caso, textos de autoridades ou especialistas que serão citados pelo apresentador, etc. Atenção: esse roteiro não deve ser lido integralmente durante o seminário. Antes da exposição, ele serve para organizar as ideias do apresentador; durante a exposição, serve de apoio para que o apresentador se lembre de informações e tópicos básicos, além do andamento da apresentação.

Apresentação de um seminário

Durante a exposição, podem ocorrer fatos não previstos. Por exemplo, o público pode não compreender bem o conteúdo da exposição; um aparelho audiovisual pode não funcionar; um integrante do grupo pode faltar ou ficar nervoso e esquecer o texto; uma cartolina pode cair da parede; etc. Por isso, é preciso estar atento a vários aspectos simultaneamente e, de acordo com a necessidade, introduzir modificações e improvisar soluções a fim de alcançar o melhor resultado possível.

A seguir, relacionamos alguns dos aspectos que devem ser observados.

Sequência e andamento da exposição

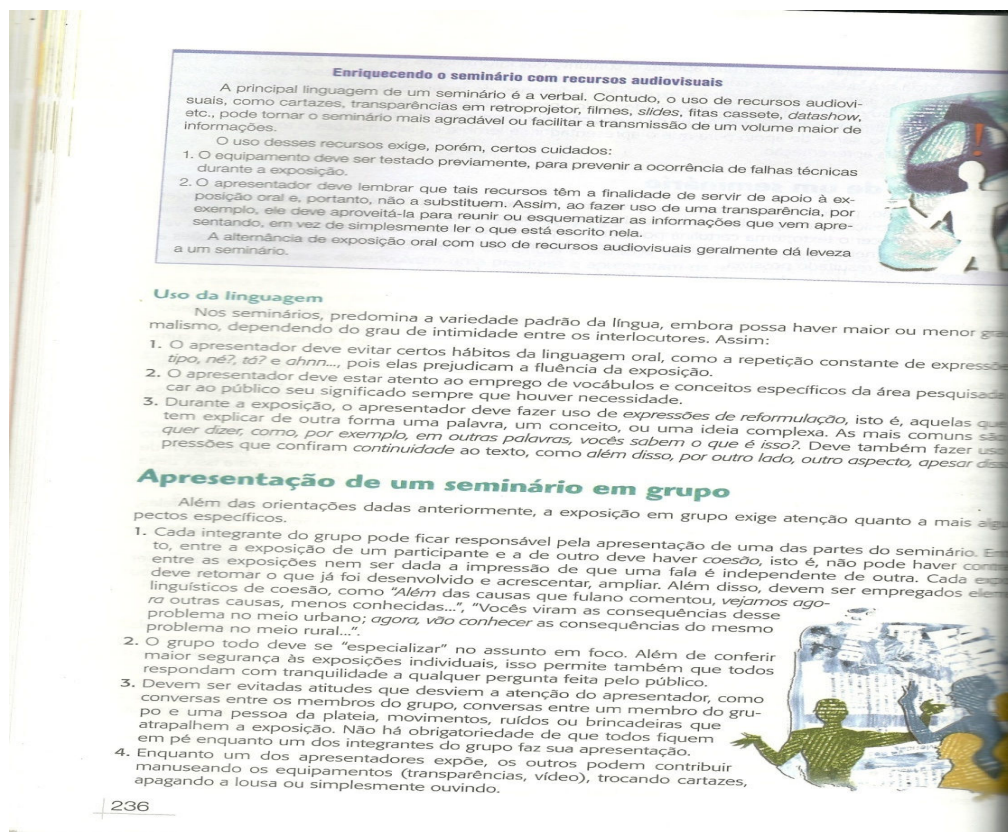
- Abertura: alguém (geralmente o professor) faz uma apresentação inicial breve e dá a palavra ao apresentador. Faz isso com palavras como "Vocês agora vão assistir ao seminário preparado por fulano...".
- Tomada da palavra e cumprimentos: o apresentador deve, primeiramente, colocar-se à frente da plateia, cumprimentá-la e tomar a palavra.
- Apresentação do tema: o apresentador diz qual é o tema, fala da importância de abordá-lo nos dias de hoje, esclarece o ponto de vista sob o qual irá abordá-lo e, no caso de se tratar de um tema amplo, delimita-o, isto é, indica qual aspecto dele será enfocado. Por exemplo, se o tema é a poluição do meio ambiente, a delimitação pode consistir em enfatizar apenas a poluição dos rios. Esse momento do seminário tem em vista despertar na plateia curiosidade sobre o tema.
- Exposição: o apresentador segue o roteiro traçado, expondo cada uma das partes, sem atropelos. Ao término de cada uma, deve perguntar se alguém quer fazer alguma pergunta ou se pode ir adiante. Na passagem de uma parte para a outra, deve dar a entender que não há ruptura, e sim uma ampliação do tema. Para isso, deve fazer uso de certos recursos linguísticos, como *Outro aspecto que vamos abordar...*, *Se há esses aspectos negativos, vamos ver agora os aspectos positivos...*
- Conclusão e encerramento: o apresentador retoma os principais pontos abordados, fazendo uma síntese deles; se quiser, pode mencionar aspectos do tema que merecem ser aprofundados em outro seminário; pode também deixar uma mensagem final, algo que traduza o seu pensamento ou o pensamento do grupo ou de um autor especial. No final, agradece a atenção do público e passa a palavra a outra pessoa.
- Tempo: o apresentador deve estar atento ao tempo previsto e, de acordo com o andamento do seminário, ser capaz de introduzir ou eliminar exemplos e aspectos secundários, caso haja necessidade, a fim de se ajustar ao tempo estipulado.

Postura do apresentador

- O apresentador deve preferencialmente falar em pé, com o roteiro nas mãos, olhando para o fundo da sala. Sua presença deve expressar segurança e confiança.
- A fala do apresentador deve ser alta, clara, bem-articulada, com palavras bem pronunciadas e variações de entonação, a fim de que a exposição não fique monótona.
- Ao olhar para o roteiro, o apresentador deve fazê-lo de modo rápido e sutil, sem que seja necessário interromper o fluxo da fala ou do pensamento. Além disso, ao olhar o roteiro, não deve abaixar demasiadamente a cabeça, a fim de que a voz não se volte para o chão. O roteiro deve ser rapidamente olhado, e não lido (a não ser no caso de leitura de uma citação), pois tal procedimento geralmente torna a exposição enfadonha.
- O apresentador nunca deve falar de costas para a plateia, mesmo que esteja escrevendo na lousa ou trocando uma transparência no retroprojetor. Nessas situações, deve ficar de lado e falar com a cabeça virada na direção do público, a fim de que sua voz seja ouvida por todos.
- O apresentador deve se mostrar simpático ao público e receptivo a participações da plateia.

235

FIGURA 03 - CEREJA, Willian Roberto. Português linguagens: Vol. 01. Pg.235.



236

FIGURA 04 - CEREJA, Willian Roberto. Português linguagens: Vol. 01. Pg.236.



FIGURA 05 - CEREJA, Willian Roberto. Português linguagens: Vol. 01. Pg.237.

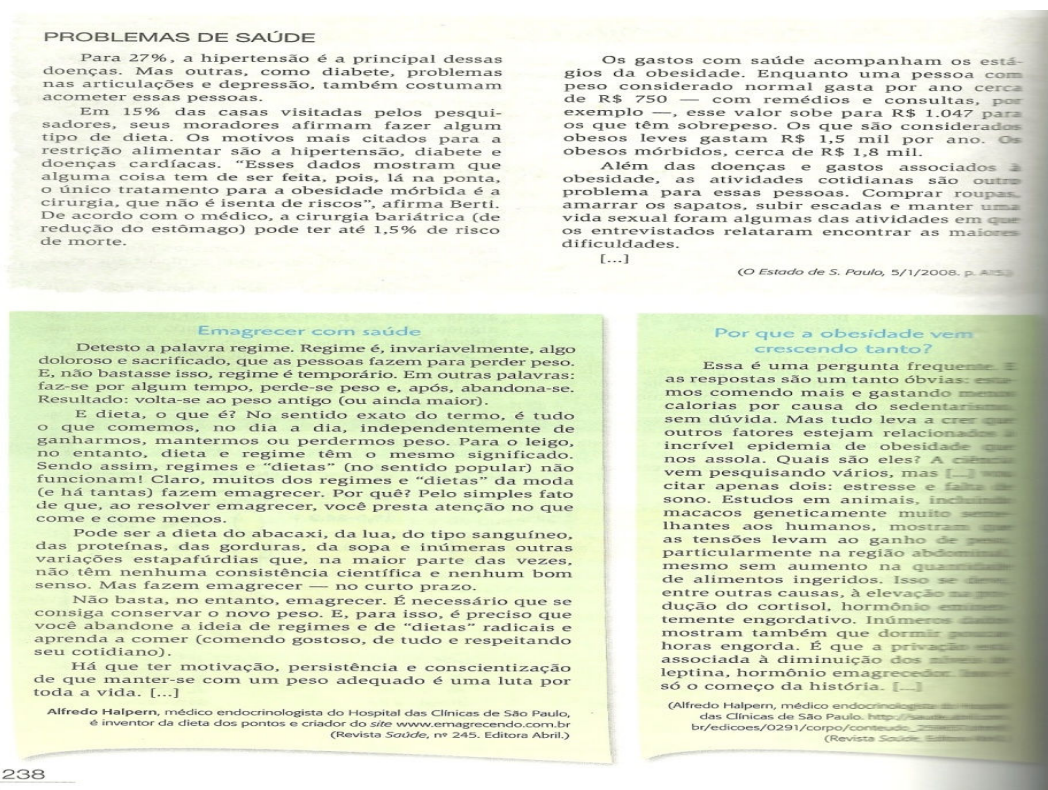


FIGURA 06 - CEREJA, Willian Roberto. Português linguagens: Vol. 01. Pg.238.

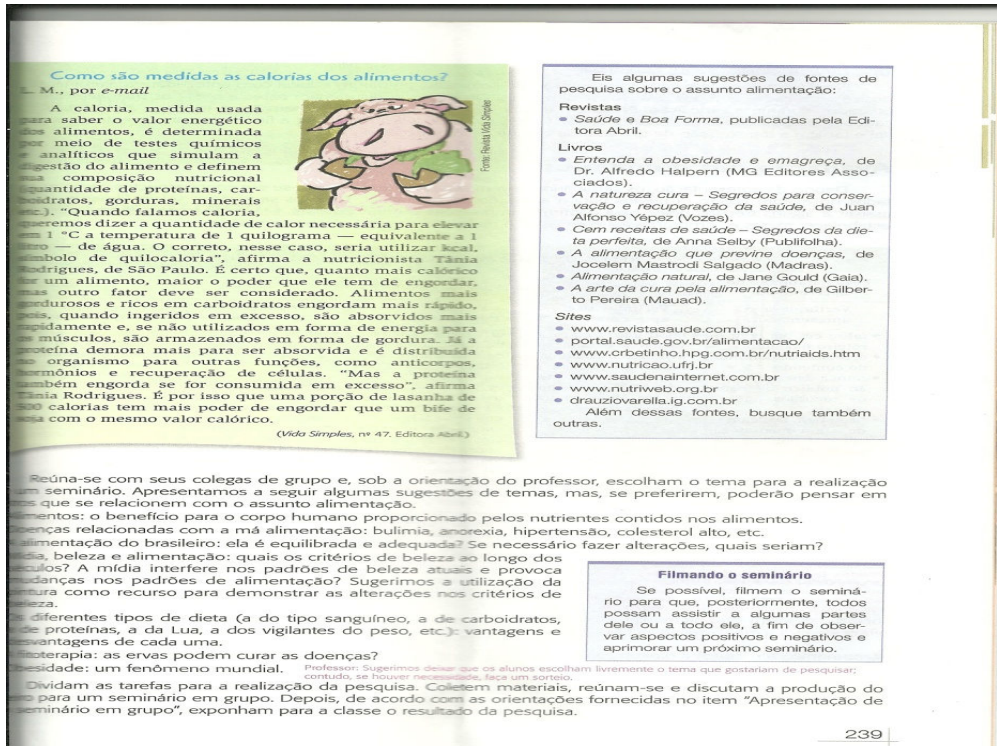


FIGURA 07 - CEREJA, Willian Roberto. Português linguagens: Vol. 01. Pg.239.

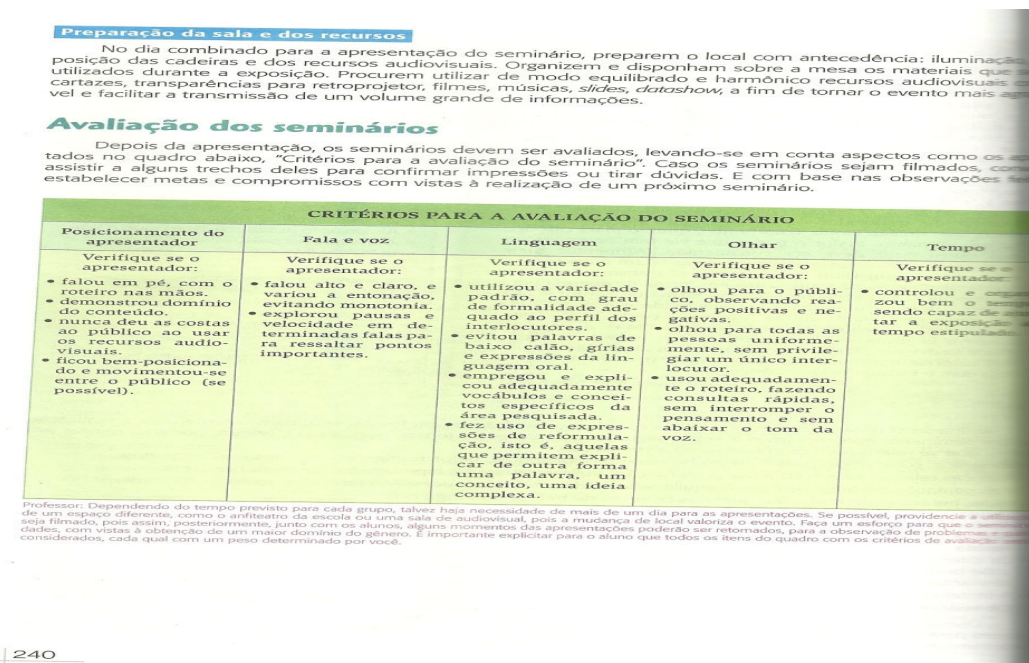


FIGURA 08 - CEREJA, Willian Roberto. Português linguagens: Vol. 01. Pg.240.

Na Figura 02, os autores mostram de uma forma geral o que é o gênero oral seminário, suas principais finalidades e seus meios de circulações. Logo em seguida, o LD, mostra como planejar e preparar um seminário, mostrando o como deve ser todo o procedimento, desde a

pesquisa até redigir o roteiro, momento esse que mostra que o oral e o escrito não questões totalmente diferente.

Na Figura 03, o LD traz informações sobre aquilo que pode ocorrer durante a execução do processo de elaboração e apresentação, informando a seqüência, a apresentação e a postura do apresentador. Já na figura 04, se enfatiza alguns detalhes que pode fazer com que a preparação fique mais fácil, portanto, apresenta dicas para utilizar alguns recursos didáticos que facilitam a linguagem do seminário, pois, sabe-se que vários desses recursos nos acompanham cotidianamente há décadas como: televisão, DVD, gravador, computador e tantos outros recursos tecnológicos trazem muitos benefícios à apresentação do seminário. Quando bem utilizados pelo grupo ou por uma única pessoa eles auxiliam o desenvolvimento do processo de apresentação do seminário. Quando se planeja e se organiza uma exposição oral, em que você tem determinados públicos, é importante então que se atente para os tipos de recursos e a forma de apresentação. Ou seja, cabe aos alunos compreender que a boa realização do seminário depende do público, do gênero e do vocabulário mais adequado a esse tipo de gênero e público, tendo em vista a adequação da fala as situações:

Nas Figuras 05, 06 e 07, o livro apresenta a proposta de produzir um seminário, tendo como base, questões voltadas à alimentação, trazendo também alguns textos relacionados ao tema e, dicas de fontes de pesquisas, com indicações de revistas, sites e livros. Desse modo, enfatiza a questão de se preparar para realizar o seminário, pois, não tem o que falar aquele que não domina um determinado tema.

A Figura 08, atenta para a preparação do ambiente onde ocorrerá à apresentação, bem como, os critérios de avaliação. Tão importante quanto preparar o seminário deve ser a preparação do ambiente: os recursos adequados à infraestrutura da sala ou auditório – a distância da projeção/audição, a acústica, a luminosidade...

Saindo do gênero seminário e entrando na proposta de trabalhar o debate regrado público de CEREJA (2010), na FIGURA 09, temos toda introdução sobre o gênero, assim como também, exemplos do nosso cotidiano que facilitam a compreensão dos alunos sobre esse gênero argumentativo oral. O Livro oferece também exemplos de transcrições de debates, assim como propostas de temas para produzir debates.



FIGURA 09 - CEREJA, Willian Roberto. Português linguagens: Vol. 01. Pg.270.

PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS PARA A REALIZAÇÃO DE UM DEBATE DEMOCRÁTICO			
Preparação da sala <ul style="list-style-type: none"> • Não há uma disposição obrigatória da sala para a realização do debate. Se o número de participantes for pequeno, é possível que todos se sentem em círculo. Se, entretanto, forem muitos os participantes (debatedores e/ou público), as pessoas devem ocupar as cadeiras normalmente, conforme a disposição original da sala. 		O moderador <ul style="list-style-type: none"> • Posicione-se em pé na sala, numa posição central, de modo que possa ver e ser visto por todos. • Inicie os trabalhos cumprimentando o público e apresentando o tema a ser debatido. Faça algumas considerações sobre o tema ou sobre a importância daquele debate e lembre as regras previamente estabelecidas. • Se julgar necessário, indique uma pessoa para secretariar os trabalhos, fazendo as inscrições das pessoas que desejam falar. • Ao passar a palavra a um debatedor, utilize expressões como: "Vamos ouvir a opinião de fulano", ou "Fulano, sua vez". • Faça sinais para os debatedores alguns segundos antes do término do tempo (por exemplo, 10 ou 15 segundos), a fim de alertá-los sobre o tempo. • Interfira no debate, ao perceber que o debatedor está apresentando um argumento pouco claro ou superficial, fazendo perguntas como "Por quê?", pedindo que dê exemplo ou que explique melhor determinada afirmação. • Interfira sempre que houver na sala ruídos ou conversas paralelas que atrapalhem o andamento dos trabalhos. 	
Os debatedores			
Tempo <ul style="list-style-type: none"> • Os debatedores devem ter igualdade de condições e de tempo para expor suas ideias. • Não se alongue com informações secundárias ou supérfluas, pois corre o risco de não concluir o pensamento por falta de tempo. • Vá ao ponto principal logo no início da fala e, se possível, use o restante do tempo com exemplos. • Durante a fala de outro debatedor, anote o nome dele e o argumento que ele apresentou. Posteriormente, se for retomar ou combater esse argumento, consulte suas anotações. 	Procedimento <ul style="list-style-type: none"> • Nunca leve as discussões para o terreno pessoal. O que está em avaliação são as ideias, não as pessoas. • Fale livremente; é seu direito não sofrer interrupções e não ser alvo de zombaria. Porém, manifeste-se apenas quando chegar a sua vez. • Respeite as regras estabelecidas; caso contrário, porá em risco o andamento e o sucesso de todo o debate. 	Expressão <ul style="list-style-type: none"> • Fale alto, de modo claro e articulado. Se necessário, fale em pé para ser ouvido por todos. • Olhe diretamente nos olhos do moderador ou dos demais participantes; assim, passará a impressão de firmeza e segurança. • Se fizer uso de anotações durante a fala, leia-as de forma rápida e sutil, sem interromper o fluxo da fala e do pensamento. Evite abaixar a cabeça e o tom da fala. • Evite gesticulação excessiva, que possa distrair a atenção dos ouvintes. 	Uso da língua <ul style="list-style-type: none"> • Use a variedade padrão, menos ou mais formal, de acordo com o perfil dos participantes. • Evite o uso reiterado de palavras e expressões como <i>né, tipo, tipo assim</i>, etc., pois atrapalham o fluxo das ideias e dispersam a atenção dos ouvintes. • Faça referência à fala de outro debatedor, com expressões como <i>Conforme disse fulano...</i>, <i>Concordo com a opinião de fulano...</i>, <i>Discordo em parte do ponto de vista de fulano...</i>, <i>Gostaria de acrescentar ao comentário de fulano que...</i>
AVALIEM O DEBATE			
<p>Depois de realizado o debate, avaliem-no, levando em conta os aspectos apontados no quadro "Princípios e procedimentos para a realização de um debate democrático", tais como cumprimento das regras estabelecidas, desempenho do moderador, respeito ao tempo, desempenho dos participantes quanto ao relacionamento, à expressão e à linguagem. Se o debate tiver sido filmado, assistam a alguns trechos dele para confirmar impressões ou tirar dúvidas. Estabeleçam metas e compromissos com vistas à realização do próximo debate.</p>			

FIGURA 10 - CEREJA, Willian Roberto. Português linguagens: Vol. 01. Pg.275.

Na Figura 10, o LD descreve a importância do gênero debate no cotidiano das pessoas e, que é necessário argumentar para que se formem determinados pontos de vista. Também enfatiza a tipologia textual a ser utilizada: dissertativa. Na figura 09 são expostos os princípios e procedimentos para a realização de um debate democrático, facilitando assim o esclarecimento de algumas dúvidas dos alunos. Na exposição didática as etapas e regras são definidas e claras. A relação do gênero com a variedade padrão da língua também se encontra posto no formato idealizado para a construção do gênero.

Podemos inferir que no LD em questão, há clareza quanto à articulação entre a oralidade e a escrita: há diferenças entre elas, mas ambas se complementam: não se pode falar de oralidade sem escrita e nem da escrita sem oralidade. Deixa entrever que, em alguns momentos há necessidade maior de uma produção escrita (a escrita de uma lei), em outros casos, da produção dois tipos (a defesa de um réu, em que está presente o escrito e o oral) e somente o oral, em uma conversa informal, por exemplo. Não se percebeu haver um domínio do escrito sobre o oral nas representações dos gêneros “seminário e debate”, propostos pelo livro didático de língua Portuguesa, adotado pela Escola.

4.3 Proposta de produção dos Gêneros “Debate e Seminário” na EEEFM Severina Ramos de Oliveira, Sobrado – PB

A turma em que os gêneros orais debate e seminário foram aplicados foi o 2º Ano do Ensino Médio do turno manhã, da EEEFM Severina Ramos de Oliveira, na cidade de Sobrado. Foram 40 alunos participantes nas atividades de exploração daqueles gêneros. A decisão de se trabalhar os gêneros orais acima citados, advém da necessidade de inseri-los no cotidiano da sala de aula, pois “(...) há uma queixa entre os educadores de que os alunos não conseguem tomar a palavra em público, posicionar-se e, discutir problemas com os outros...” (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, P. 83). Atentando para essa questão, buscamos valorizar a produção de gêneros orais na sala de aula. Partimos do gênero Debate, para em seguida iniciar a produção do gênero Seminário. Aquele, dando suporte temático para este último.

Levando-se em consideração que a linguagem oral é bem mais que *aprender a falar*, pois envolve outras capacidades, conhecimentos e atitudes (...)(Marcuschi, 2003; Dolz; Schneuwly, 2004); levando-se em consideração que a oralidade se constitui um dos eixos do ensino de língua portuguesa aplicamos na sala de aula os gêneros: debate e seminário, objetivando trabalhar a oralidade na sala de aula.

O Debate permite aos alunos expor livremente suas ideias, mas também exige que eles saibam respeitar as ideias dos outros. Através dele não é só possível desenvolver a linguagem oral, mas também ajudar o aluno a se tornar cidadão através da linguagem (COSTA, 2012). Dessa maneira trouxemos para o debate a questão: Copa do Mundo no Brasil: as vantagens e desvantagens.

Já o Seminário seria, grosso modo, o aprofundamento de uma temática para um determinado público. Para Dolz & Schneuwly (2004), seria um discurso que se realiza numa situação de comunicação específica que poderíamos chamar de bipolar, reunindo o orador ou o expositor e seu auditório (...). Enfim, um grupo discute um tema para outro grupo específico de interlocutores. É uma prática muito comum no ensino superior e menos no ensino básico, onde geralmente é menos sistematizada. Buscando o lugar da oralidade na sala de aula, trouxemos os dois gêneros textuais para sala de aula de uma escola pública.

a) A Proposta de debate a partir da temática Copa do Mundo

Projeto Didático sobre o Gênero Debate

TEMA: Copa do Mundo

Objetivo: discutir oralmente as vantagens e desvantagens da realização da Copa do Mundo no Brasil, a partir da apresentação da figura 10.



Figura 11: Texto motivador. Fonte: educaçãobr.blogspot.com

- **Situação Inicial.** A primeira produção – 1º DEBATE- Os alunos falaram sobre a Copa do Mundo, o professor foi o mediador.

- **Apresentação de Vídeo.** Os Alunos assistiram a um vídeo – o assunto era um debate sobre futebol (Copa do Mundo). Um debate realizado na televisão.
- **Exposição do conteúdo:** leitura do assunto no livro e uso da lousa para explicar melhor o conteúdo: lemos o texto e houve a explicação do gênero.
- Leitura de uma notícia veiculada na internet que se referia à Copa do Mundo no Brasil
- **Preparação para o debate** – Escolha dos debatedores, do mediador, das perguntas e que papel fariam os demais alunos da turma.
- **Reflexão sobre a língua padrão e a língua não padrão** – Exemplos da fala cotidiana dos alunos e presente no primeiro debate foram trazidas e juntos discutimos a forma mais apropriada para o momento do debate.
- **Preparação do ambiente** – Arrumação da sala de aula para que todos pudessem participar: debatedores, mediador, platéia.
- **Avaliação da produção do debate** – A postura, a preparação, a adequação ao papel destinado, o envolvimento e a clareza da temática exposta.

b) A Proposta de Seminário a partir da temática Copa do Mundo no Brasil: Reafirmação ou destruição do mito do país do futebol?

Para Dolz & Schneuwly (2004) o Seminário seria composto por sete partes principais: a fase de abertura; a introdução ao tema; a apresentação do plano da exposição; o desenvolvimento e encadeamento dos diferentes subtemas; uma fase de recapitulação e síntese; a conclusão e o encerramento. Esses 05 tópicos foram resumidos em 05, no livro didático português linguagens. Vamos seguir a seqüência apresentada neste livro e iniciar as discussões a partir do texto motivador figura 11, vista abaixo.



Figura 12: Texto motivador. Fonte: penseforadacaixa.com

- Abertura – 01 aluno apresentou o Seminário, se apresentou e apresentou os demais participantes do seminário;
- Tomada da palavra e cumprimentos – Os outros quatro alunos acrescentam mais alguns elementos à apresentação já realizada e cumprimentam a platéia;
- Apresentação do tema e de sua importância – 01 aluno fica responsável pela apresentação do tema e da importância de discuti-lo naquele momento;
- Exposição – cada um dos alunos fica encarregado de introduzir o assunto (01), debater aspectos positivos (01), discutir aspectos negativos (02) e concluir (01).
- Conclusão/encerramento. Fica a cargo de (01) aluno.

Como se vê, 05 alunos voluntários ficaram responsáveis para apresentar o seminário sobre a temática Copa do Mundo no Brasil: Reafirmação ou destruição do mito do país do futebol? Os demais exerceram o papel de platéia. No entanto, a maioria destes alunos participou do planejamento do seminário.

Apesar do nervosismo de alguns alunos, e da falta de preparação de alguns poucos, o objetivo foi atingido: os alunos se envolveram no debate e, debateram com clareza e senso crítico a Copa do Mundo no Brasil. O mediador conseguiu manter a ordem entre os debatedores e, estes conseguiram ouvir os demais sem interromper. Na maior parte do debate houve clareza na fala dos debatedores, que procuraram falar corretamente as palavras e conseguiram explicar suas opiniões. Os debatedores defenderam sua opinião com clareza e mantiveram o assunto, mesmo com algumas repetições. As perguntas da platéia foram feitas

de acordo com o assunto. As perguntas do mediador foram respondidas pelos debatedores. O mediador soube passar a palavra para os debatedores, controlar o tempo e encerrar, mesmo com alguma dificuldade, o debate apresentado uma conclusão sobre o assunto. O Seminário se seguiu ao debate e, embasados pelas discussões anteriores, os alunos não apresentaram grandes dificuldades para discutir o tema já explorado anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário e possível diversificar as aulas de língua portuguesa, a partir de práticas que valorizem a diversidade textual na sala de aula. Os alunos precisam conhecer e aprender os diferentes gêneros, visuais, escritos e orais. E o ensino desses gêneros textuais deve fazer sentido para o aluno e estar atrelado a uma prática social. Nesse contexto é necessário que a oralidade seja ensinada na escola de forma sistematizada. E o livro didático tem um papel importante nessa perspectiva, desde que se adeque às novas realidades do ensino de LP. Embora nem todos os LD correspondam a essa demanda, algumas coleções avançaram nesse sentido. Neste trabalho, observamos de que forma o LD de língua portuguesa *Português Linguagens* tratou as questões de oralidade, dando ênfase ao trabalho com gêneros orais – abordagem decorrente dos novos parâmetros de estudo em LP, que indicam uma perspectiva interacional de ensino – que caberia à escola ensinar língua por meio de gêneros textuais, e que caberia, também, ensinar os gêneros textuais de modalidade oral. Procuramos, então, observar de que forma esse livro, já citado acima, contribuiu para a formação adequada dos alunos em relação aos gêneros orais.

A breve avaliação dos dois gêneros propostos (debate e seminário) a coleção *Português Linguagens* nos permitiu observar que a coleção aborda bem a questão da oralidade com destaque para o quadro esquemático, com as etapas e a perspectiva coletiva de produção textual. O livro apresenta uma proposta coerente com as teorias linguísticas do ponto de vista do objeto de estudo: o texto. Procura justificar, também, as propostas de leitura expressiva e os debates orais que se seguem nas atividades de interpretação dos textos. Para a produção textual o livro indica a confecção de textos orais e escritos em dois momentos: o reconhecimento das características do gênero e a posterior produção do gênero estudado, lembrando de forma muito próxima o modelo de seqüência didática.

No que diz respeito à aplicação das duas propostas de produção de gêneros orais: o debate e o seminário, na prática de sala de aula, foram consistentes e desse modo, bem *assimiladas* pelos alunos. Isso nos leva a crê que o trabalho com os gêneros orais, se encontra em fase de aceitação por parte dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem: o livro didático, o professor, o aluno e etc. O importante foi que, o trabalho mesmo sendo difícil, os objetivos foram alcançados com êxito e eficácia, mostrando realmente a finalidade e a ligação dos gêneros orais e escritos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. 6ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- _____. **Muito além da gramática: por um ensino de língua sem pedras no caminho**. 3ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 4º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BARBATO, Silviane. **Formação de professores em Língua Portuguesa: ensino dialógico, construção e transformação**. Disponível em <http://www.tvbrasil.org/fotos/salto/series/153310Formação.pdf>>>. Acesso em: 29 jun. 2013.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Textos: seleção variada e atual. In: **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- _____. Ensino de Língua Portuguesa e contextos teóricos-metodológicos. In: **Gênero textuais e ensino**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stela Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- _____. **Guia de livros didáticos: PNLD 2011: Língua Portuguesa**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- CEREJA, William Roberto. **Português linguagens: Vol. 01/ William Cereja, Thereza Cochar Magalhães**. 7ª ed. reform. São Paulo – SP. Saraiva, 2010.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de Gêneros Textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012

FÁVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna/** Leonor Lopes Fávero, Mária Lúcia da Cunha V. de Oliveira Andrade, Zilda Gaspar Oliveira de Aquino. – 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

GERALDI, João Wanderley. Unidades básicas do ensino de Português. In: **O texto na sala de aula.** 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

GOULART, Cláudia. **As práticas orais na escola: o seminário como objeto de ensino.** 2005. 210 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas/SP, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **A metodologia do trabalho científico.** 4º ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gênero textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros textuais e ensino.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. **Da fala para a escrita. Atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva (Orgs.). **Fala e escrita.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONISIO, Angela Paiva & BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **O livro didático de Português: múltiplos olhares.** 3º ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 21-34.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Ivanda. **A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor?** In: Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola, 2006.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) Ensinar gramática na escola.** Campinas/SP: Mercado de Letras, 2003.

_____. **A cor da língua, e outras crônicas de linguística.** Campinas/SP: Mercado das Letras, 2003.

PARÂMETROS curriculares nacionais. Terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: **Língua Portuguesa.** Brasília: Secretaria de Educação Fundamental MEC, 1998.

MENDES, A.N.N.B. **A linguagem oral nos livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental – 3º e 4º ciclos:** algumas reflexões. 211 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo, 2005.

TRAVAGLIA, Luís Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º grau.** 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

RAMOS, Jânia M. **O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo: Martins Pontes, 1997.

SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim et. al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. **Português: uma proposta para o letramento**. São Paulo: Ática, 1999.

XAVIER, Antonio C. S. **O Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital**. Tese de Doutorado, Unicamp: inédito, 2002.

ANEXOS





